

A Cultura como Regenerador Urbano? O caso do Bairro Alto em Lisboa

Sandra Vale. Mestre em Arquitectura pelo IST - Lisboa.

Abstract

The cities' urban form and cultures go through enormous transformation, with some similarities in their adaptation processes. But not everything follows a unique and universal pattern and the unknown or unstable character of many of these phenomena increases the degree of diversity and uncertainty.

What is the role of culture in urban renewal processes in a context where there is a multiplication of «capitals of culture», world exhibitions and certain museums which act as symbolic elements for the promotion? In what way people as an individual or a group participate in these changes? Is it the concept of neighborhood and the appropriation of public space which are fundamental elements in city life or rather fear, privatization and choice of themes are the elements that define the public space?

We show in this article the case-study of «Bairro Alto», an old quarter in the city of Lisbon, as an example of a spontaneous process, where we can identify the “artistic neighborhood” concept and its urban renewal capacities.

RESUMO

A forma das cidades e as culturas urbanas passam por grandes transformações, com algumas semelhanças nos processos de adaptação. Mas nem tudo segue um padrão único e universal, e o carácter desconhecido ou instável de muitos fenómenos aumenta o grau de diversidade e incerteza.

Qual é então o papel da cultura nos processos de regeneração das cidades e dos seus espaços, num contexto em que se multiplicam as “capitais da cultura”, exposições mundiais e certos museus funcionam como elemento simbólico de promoção? De que forma o indivíduo e os grupos participam nessas mudanças? O conceito de bairro e a apropriação do espaço como elementos fundamentais da vida na cidade, ou o medo, a privatização e a tematização como elementos determinantes no espaço?

Apresenta-se neste artigo o caso do Bairro Alto na cidade de Lisboa, como exemplo de processo espontâneo, onde é possível identificar o conceito de “bairro artístico” e as suas possibilidades na regeneração urbana.”

KEYWORDS: Culture, Urban Regeneration, Cultural Strategies, Downtown



INTRODUÇÃO

Qual o papel que a cultura e as actividades artísticas representam nos processos de regeneração, das zonas degradadas das cidades?

Os “actores” responsáveis pelo “desenho de cidade” deparam-se, no início do século XXI, com o facto de não existir um consenso geral sobre as cidades que temos, quais as suas potencialidades e de que forma estas se adaptam às mudanças impostas pelas novas tecnologias de informação, pela globalização e a multiplicidade de culturas urbanas emergentes e, principalmente, não há consenso sobre o que deverão ser no futuro.

Que espaços urbanos serão então os do futuro, que atendam às novas formas de estar e de interagir? Ou, como podemos conferir-lhes características e qualidades acessíveis a uma diversidade de interesses dos cidadãos interagindo no espaço público da cidade em transformação?

Se grandes pedaços de cidade, como antigos portos, zonas de indústria pesada, antigos terminais e linhas de comboios, ou instalações militares, se tornam redundantes devido a diversos factores parece, então, urgente reciclar as zonas devolutas e integrá-las na cidade, movimento que transforma zonas de produção em áreas de lazer, com usos culturais. As “novas” partes de cidade são promovidas como acções emblemáticas e transformadas em locais de prestígio. Sob o “comando” que a cultura, e num contexto em que se multiplicam as “capitais da cultura”, exposições mundiais, em que certos museus funcionam como elemento simbólico de promoção de cidade, podemos perguntar até que ponto as actividades artísticas têm a capacidade de promover a regeneração do espaço público, de forma planeada ou espontânea?

1ª PARTE - Qual cultura, quais cidades?

Culture is, arguably, what cities ‘do’ best.

But which culture, which cities?²



Se cada uma das “culturas” presentes na cidade estabelece as suas próprias regras não é possível falarmos de uma cultura urbana mas sim de várias, que se relacionam no espaço urbano, numa dada época.

Assim, na nossa época, considerada como pós-moderna e pós-industrial, é necessário perceber quais as significações destes termos. O primeiro, pode ser associado aos aspectos socioculturais das sociedades contemporâneas em que se assume uma distanciação do movimento moderno, algo que não é de alguma forma coerente ao ponto de ser rotulado com

uma definição efectiva. O segundo termo tem uma perspectiva socioeconómica, podendo abranger ou ser abrangido pelo primeiro.³

O termo “pós-moderno” aparece muitas vezes associado à arquitectura, como oposição ao funcionalismo e racionalismo defendidos pelo “movimento moderno”, que doutrinava uma planificação urbana baseada nos zonamentos monofuncionais e na hierarquização das actividades, introduzindo uma revolução no desenho urbano, que teriam efeitos devastadores na prática urbanística. Segundo Nuno Portas, as intenções do movimento não visavam apenas redimensionar o espaço público e dotá-lo de formas inovadoras mas romper com o próprio sistema ancestral das relações.⁴ Poder-se-á então denominar de “pós-modernidade”, algo mais abrangente, com múltiplas potencialidades de aplicações e

sugestões, que caracteriza um clima cultural contemporâneo e que inclui tanto a “alta” cultura como a “difusa”, a tradição e a “utopia”, os significados e os símbolos, a certeza e a incerteza:

*Sentido de incerteza, a perda de pontos de referência fundamentais para a compreensão do seu papel na sociedade, a diminuição da segurança sobre a natureza imparável do progresso e na melhoria contínua das condições socio-económicas.*⁵

Os meios de comunicação permitem a divulgação e afirmação de uma diversidade de grupos e minorias, que se multiplicam nos mais diversos sectores da sociedade, defendendo as mais variadas questões, quer de carácter social, como o feminismo, o movimento gay/lésbico ou o pacifismo, de carácter ambiental como o ecologismo ou defesa dos animais ou ainda de carácter político, religioso, ideológico, racial, etc. A forma tradicional de família deixa de ser o factor comum, existindo inúmeros modos de vida que transformam a maneira como os indivíduos se relacionam entre si. Todos estes factores dão origem a múltiplas “culturas urbanas” que convivem numa mesma cidade.

A interacção de grupos sociais e diferentes culturas urbanas depende muito da forma como cada um se apropria do espaço, assim como, da capacidade do indivíduo de se relacionar com a diferença e, da abertura, ou não, da sua própria cultura a outras formas de estar. É necessário compreender que tipos de culturas urbanas e grupos sociais “tomam conta” dos espaços públicos e como o fazem.

Grupos e “espécies”



Poderemos então aceitar a existência de espécies colonizadoras? Grupos que pelas suas características têm um papel mais impositivo ou marcante na cidade e nos seus espaços públicos?

Os grupos sociais, dependendo da sua própria cultura e características específicas adoptam determinados comportamentos e formas de se relacionarem com os espaços, mais ou menos invasivas, e com os outros frequentadores de um mesmo espaço.

*Creating a public culture involves both shaping public space for social interaction and constructing a visual representation of the city. Who occupies public space is often decided by negotiations over physical security, cultural identity, and social and geographical community.*⁶

Nesta coexistência, por vezes forçada, existem factores determinantes para o resultado das relações entre grupos sociais distintos.

*The atmosphere of tolerance that city people historically claim has been charged with the lightning rods of social and cultural “diversity”. Accepting diversity implies sharing public spaces – the streets, buses, parks, and schools – with people who visibly, and quite possibly vehemently, live lives you do not approve of.*⁷

Tal como refere Sharon Zukin, os mais diversos tipos de pessoas cruzam-se e partilham o espaço público na cidade. Estas relações podem ser mais ou menos conflituosas conforme a necessidade de afirmação de certos grupos, principalmente se estes tiverem tendência a uma ocupação do espaço público de forma mais vincada. Nesta diversidade existem alguns grupos que importa referir, de forma a uma maior compreensão dos tipos de ocupação/apropriação do espaço público que poderão ocorrer e quem são os seus protagonistas (é dada uma maior relevância a grupos com actividades artísticas ou relacionadas com estas de uma forma mais directa):

O “género”

O movimento feminista dos anos 80 e 90 e principalmente os estudos da sociologia urbana de língua inglesa dos últimos anos, sugerem uma das teorias mais fracturantes sobre as culturas urbanas: a diferença de género. Esta não tem origem biológica mas sim sociocultural e tratando-se, neste trabalho, o espaço público, a questão do género levanta um dos maiores problemas no que se refere à sua utilização e apropriação. O termo refere-se às diversidades psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, distinguindo-se da diferenciação pelo sexo, que se refere a características anatómicas e fisiológicas.⁸ As mulheres, devido a questões sociais e culturais, apresentam um comportamento, na generalidade, muito diferente do dos homens nestas matérias e é necessário compreender o porquê desta diferenciação.

A questão em debate consiste em saber se as cidades são espaços neutrais para os diferentes géneros. Ora nos temas mais abordados relativos ao medo e à violência, estes factores, segundo diversos sociólogos como Pain e Valentine⁹, condicionam a utilização de espaços públicos por parte das mulheres, principalmente em horários nocturnos. Também outras questões de ordem social (por exemplo, o cuidar da família e a conjugação da vida profissional e familiar) em que é relevante o género. Tal como outros grupos com necessidade de apropriação dos espaços, as mulheres criaram um mecanismo de defesa que se manifesta em espaços “femininos”, relacionados com factores como a moda e a beleza ou como a igreja e outras organizações sociais, nas sociedades contemporâneas assumem novos aspectos como os ginásios de fitness ou os “clubes”, em que se sentem integradas e seguras.

Os “Artistas”

Apesar do proeminente papel dos artistas em muitos processos de regeneração de partes de cidade, também eles poderão funcionar como uma espécie colonizadora com uma forma muito particular de apropriação do espaço.

*Artists themselves have become a cultural means of framing space. They confirm the city's claim of continued cultural hegemony, in contrast to the suburbs and exurbs. Their presence – in studios, lofts, and galleries – puts a neighborhood on the road to gentrification.*¹⁰

A sua apropriação do espaço não tem um carácter óbvio, como por exemplo a dos graffiteurs, é um fenómeno mais demorado e que implica a preferência por um determinado bairro e a consequente fixação nesse mesmo bairro, a posterior atracção de pessoas, actividades relacionadas, estabelecimentos de lazer e comércio que se aliam ao seu estilo boémio, transformando aos poucos o espaço público e os seus frequentadores.

Actividades e “profissões criativas”

Dentro deste campo poderemos considerar diversas actividades profissionais que pela vertente criativa das respectivas ocupações e estilos de vida associados poderão ter, hoje, um papel idêntico ao dos artistas, no que se refere a transformação de um bairro numa zona “in” e com novas tendências. São eles os arquitectos e designers, profissionais de comunicação, publicidade e jornalistas.

A localização de muitos dos ateliers e agências de publicidade em determinados bairros participa para a modificação dos mesmos, assim como a existência de redacções de jornais e revistas. Também a opção de viver no mesmo bairro onde se trabalha, como aconteceu com os primeiros movimentos de artistas, ou a tendência destas classes profissionais para se fixarem em bairros que fazem parte do circuito artístico e/ou nocturno, como por exemplo em Lisboa, o Bairro Alto.

“Tribos urbanas”

No contexto metropolitano contemporâneo a diversidade e heterogeneidade de grupos é evidente, existindo uns que são mais afirmativos no que se refere ao espaço público e pontos de encontro. Os jovens agrupam-se conforme gostos musicais (pop, rock, hip hop, heavy metal) por vezes associados a tendências da moda, desportos (skate, surf), ideologias ou crenças, ou seja, os novos *tribalismos*, podendo pertencer a mais do que um dos grupos.

*São grupos caracterizados por modos de vida, formas de expressividade, mas ligados pelo desejo de se tornarem visíveis aos olhos dos outros acentuando os seus traços distintos. (...) em alguns casos, conflituais, próprios de “tribos” dotadas de conotações sociais heterogêneas, preparadas, em alguns casos, para disputar o espaço físico da cidade.*¹¹

“Graffiters”

Os *graffiti* são formas de expressão consideradas marginais, não são produzidas por operadores artísticos profissionais, mas geralmente por grupos de jovens, indivíduos que pretendem deixar a “sua marca” na cidade. Estas manifestações estéticas são associadas *ao duplo carácter da cidade, (...) por um lado, a sua abertura ao imprevisível e ao confronto com o diferente, por outro lado a perigosidade intrínseca dessa abertura, o risco omnipresente de que conduza ao insucesso.*¹²

Chama-lhe a *arte de se expor*, uma vontade de efectuar e participar em pesquisas no campo estético estimulada por uma sensação ao mesmo tempo frustrante e estimulante. Este autor considera que os *graffiti* são o reconhecimento, por parte de quem os produz, da sua própria marginalização mas também uma reacção a ela.

Do medo à segmentação, à privatização, à tematização

Uma das maiores ameaças à cultura urbana é o medo. Jane Jacobs¹³ analisa esta questão do medo e das sensações de insegurança, dando como exemplo preponderante a rua e os passeios, como elementos representativos do espaço público da cidade. Ou seja, se as ruas forem interessantes, a cidade é interessante, assim como se em determinada zona da cidade o transeunte se sente inseguro ao percorrer essas ruas, então considerará toda essa área como insegura. Jacobs acrescenta que o facto de se temer a rua e se deixar cada vez mais de a frequentar a torna ainda mais perigosa, quanto menos pessoas houver a circular menos segurança existe.

O medo justifica espaços públicos privatizados? Espaços com as suas próprias regras, segurança, vigilância. Espaços que acabam por não ser totalmente públicos, totalmente livres, onde nem todos têm acesso e onde a apropriação dos mesmos é relativa.

Se as possibilidades de interacção e de relacionamento entre diferentes pessoas e realidades passam a estar condicionadas, controladas e regradas, pelas entidades que controlam os espaços, a cultura urbana é também privatizável e como consequência “comodificável” ou “comercializável”? *Whether they are media corporations like The Disney Company, art museums, or politicians, they are developing new spaces for public cultures. (...) By accepting these spaces without questioning their representations of urban life, we risk succumbing to a visually seductive, privatized public culture.*¹⁴

Veremos assim como, frequentemente, podemos ver na lógica de regeneração pela via cultural, o carácter de uma alteração de identidade pela mudança na configuração e interacção das “culturas” de grupo.

Cultura e “Bairro”

Desde os clássicos que o espaço é visto como *o suporte ideal para as nossas memórias*¹⁵, como defendia Halbwachs, tanto as colectivas como as individuais, ou seja, a organização material do espaço serve para criar uma memória de grupo, em que *o grupo “molda” o espaço, ao mesmo tempo que se deixa ‘moldar’ por ele.*¹⁶ Também Lévi-Strauss associa o espaço às identidades colectivas, afirmando que certas alterações nos espaços, antes identificáveis pelas pessoas, podem resultar em perdas de identidade e de sentido de pertença ao local.¹⁷



Above Left:
Ref. Demonstrates hopping technique
Middle Left and Lower Left:
Kids hopping



Above Right:
Participating artist draws a safe space
Below Right:
On site diagrams show the rules of the game

Segundo Alfredo Mela, a cultura, no contexto dos aglomerados urbanos, pode ser distinguida em dois níveis: “alto” e “difuso”. Sendo que o primeiro nível abrange as formas de expressão artística, literária, filosófica ou científica e o segundo se refere às culturas *no significado antropológico do termo, ou seja, como conjunto de normas, valores, tradições, símbolos, crenças e modos de vida que caracterizam difusamente toda uma população.*¹⁸ A cultura “difusa” é então a dimensão cultural da cidade, a diversidade das culturas que interagem no mesmo espaço. As culturas do nível “alto” podem ser divulgadas de novas formas, antes impensáveis, e surgem muitas vezes associadas às “difusas”, correndo o risco de ver a sua natureza alterada assim como a sua significação. Estas novas relações têm tanto de potencial como de ambíguo podendo criar rivalidades ou sinergias, relacionar-se directamente dando azo a homologações culturais ou por outro lado servir para uma exclusão de culturas minoritárias.

Se o espaço público começa a ser privatizado e o grupo que o “molda” é uma elite, este vai deturpar as memórias de todo o grupo da sociedade, que será “moldado” por esse espaço público controlado e condicionado, logo as memórias colectivas passam a ser fabricadas por essa elite que domina as características do espaço?

The ground, in the words of one planner, is ‘the traffic-flow-support-nexus for the vertical whole.’ Translated, this means that the public space has become a derivative of movement.¹⁹

Um bairro é parte integrante de uma cidade e, segundo Jane Jacobs²⁰, não deve funcionar como uma unidade autónoma e auto-suficiente, dado que as vantagens de habitar uma cidade são, exactamente, a multiplicidade de escolhas que esta oferece e a mobilidade dos seus cidadãos. No entanto, a tendência, geralmente é criar uma ligação ao bairro onde se vive, havendo uma preocupação com a sua manutenção, segurança e qualidade de vida. A autora descreve ainda que o bairro pode funcionar como local de confluência, de partilha e vivência em sociedade, promovendo a negação dos condomínios voltados para dentro que tornam as ruas em espaços murados, sem vida e perigosos. Defendendo, assim, a existência do espaço público, as praças e jardins, o comércio local, elementos geradores de identidade de uma zona, que nos proporcionam caras familiares no quotidiano, segurança e bem-estar, a que chama “ruas vivas”.

Nos bairros, freguesias ou mesmo na cidade, há uma propensão para as pessoas se agruparem e relacionarem com base nos seus interesses comuns, que podem estar relacionados com questões religiosas, étnicas, interesses culturais ou desportivos, entre outros, dando origem a diferentes grupos sociais, associações e colectividades que, consoante as suas características, se irão apropriar dos espaços públicos.

Este tipo de relacionamento participa para o sentimento de pertença à comunidade, e pode também dar-se em relação ao bairro onde se trabalha e não só onde se vive, visto que a identificação com determinadas áreas da cidade se deve à sua diferenciação, às suas características próprias. Se todas as partes da cidade fossem semelhantes, não haveria necessidade de mobilidade dos seus habitantes nem existiria a diversidade de escolhas.

Os bairros, tal como as cidades, são organismos vivos e complexos, que se desenvolvem não só consoante aqueles que os habitam, mas também por aqueles que detêm o poder político e decisório sobre os seus destinos, com limites físicos muitas vezes indefinidos e interligados com os bairros vizinhos. Os poderes políticos podem adoptar estratégias de regeneração que promova o bairro atraindo pessoas de fora; os bairros “da moda” ou “in” correspondem assim, muitas vezes, a formas de apropriação de identidades de bairros populares por “elites culturais” exteriores, transformando os bairros originais e as suas populações, mas que, no entanto, não possuem muitas vezes o mesmo grau de associativismo e sentido comunitário da população originária.

O movimento de revalorização do espírito de bairro, levado a cabo frequentemente por grupos sociais privilegiados (a denominada “gentrificação”) também conduz a formas de organizar o espaço urbano (diminui-se a mobilidade para obter qualidade de vida, mas não se prescinde do individualismo) reconfigurando modelos tradicionais.²¹

Regeneração e Cultura - Alguns casos internacionais

As estratégias de regeneração, enquanto acções de carácter político, com base na cultura podem assumir diferentes escalas consoante os casos e as pretensões de desenvolvimento económico das entidades envolvidas. Podendo apoiar-se na construção de museus ou outras instituições culturais de grande dimensão, a preservação de elementos arquitectónicos que marcam a paisagem urbana ou, de uma forma mais contida, promover o trabalho de artistas, actores e bailarinos ou até “chefs” conceituados, todos eles considerados como vertentes culturais que ajudam a promover a cidade como local de produção cultural “sofisticada” ou “cosmopolita”.

A ênfase pode ser dada a antigos edifícios adaptados a novos usos, paisagens naturais, grupos sociais ou locais históricos existindo, por isso, diversos casos que servem para exemplificar estes fenómenos. Seguidamente apresentamos quatro casos, entre tantos existentes, que pretendem mostrar as diferentes escalas de acção que estes processos podem assumir referindo, de forma sucinta, as condições que os caracterizavam no início, os problemas, soluções e resultados das mesmas.

I. Cidade de Liverpool

Para Pedro Lorente, Liverpool é, sem dúvida, um dos melhores casos de estudo quando se fala da influência dos museus e das artes na regeneração de áreas urbanas degradadas, visto que tudo apontava para o insucesso²². A cidade encontrava-se em franco declínio: recessão económica, desemprego, êxodo da



população, problemas de ordem étnica e social e degradação do edificado. Logo ao provar-se que, mesmo com estas condicionantes negativas, as artes conseguem ter um papel dinamizador e impulsionador na regeneração urbana, então estará provado que poderá ser eficaz em todos os casos. Uma série de factores foram determinantes para o início da intervenção:

- >A mudança dos representantes políticos que permitiram repensar a prioridade de determinadas políticas;
- >Dois relatórios económicos sobre a importância do turismo e das artes, em que se demonstrava que as artes são uma das maiores fontes de retorno de capitais e de criação de postos de trabalho directos, assim como um dos principais atractivos turísticos;
- >Existência de um grande legado arquitectónico votado ao abandono, com mais de mil edifícios listados que poderiam ser dotados de novos usos, como armazéns, edifícios religiosos ou escolas, recuperando alguns dos seus edifícios emblemáticos. A adaptação dos edifícios antigos a museus, galerias, teatros, centros de arte comunitária ou escolas de arte, além de restaurantes, bares e lojas, integrando-se no tecido arquitectónico da cidade, modificou a vida quotidiana dos seus residentes e dos visitantes.

Creating generous and well designed traffic free ante spaces to arts, museums and other cultural buildings can make them natural meeting points for public gathering, performance and other activity.²³

A cidade possui quatro zonas onde se concentram a maior parte das actividades artísticas: St. Georges Cultural Quarter, Hope Street Corridor, Duke Street & Bold Street Creative & Cultural Industries Quarter e Albert Dock, tendo sido considerado que os espaços públicos entre estas áreas teriam que funcionar como elementos de ligação entre elas. A estratégia visava abranger uma grande área de cidade promovendo a regeneração, não só dos pontos de concentração cultural, mas as zonas envolventes criando uma malha

interligada. A instalação da Tate Gallery na Albert Dock, zona portuária obsoleta, é um dos exemplos de políticas de regeneração através das artes - o novo museu estimulou a regeneração da envolvente com a ocupação da zona de armazéns de Duke Street por galerias, cafés artísticos, lojas de material de desenho, roupa alternativa, discotecas e ateliers de diversos artistas.

2. Le Panier, Marselha - um bairro regenerado



Marselha, tal como Liverpool, desenvolveu-se durante os séculos XVII e XVIII, devido à sua localização, como cidade portuária de grande importância na entrada de bens no país, vindos do oriente. O fim da 2ª Guerra Mundial e novos meios de transporte de mercadorias foi tornando obsoleta a zona portuária no centro da cidade, deixando para trás uma série de edifícios abandonados.

A regeneração do bairro onde, com o encerramento da zona portuária, muitos edifícios são abandonados pelos antigos trabalhadores do porto e ocupados posteriormente por minorias étnicas, começou com a recuperação e transformação de um antigo hospício construído, entre 1671-1745, a Vielle Charité.

A integração de um centro multi-usos, com predominância para os museus, no antigo hospício fez com que o bairro se convertesse no lugar favorito de artistas e galeristas e que, pouco a pouco, fossem aparecendo lojas e restaurantes, de uma forma gradual sem expulsar os ocupantes originais do bairro, que o caracterizam também, mas com bastante controvérsia por parte destes. Actualmente Le Panier aloja diversas universidades, galerias para exposições temporárias, uma videoteca, a Maison de la Poesie, o Museu de Arqueologia Mediterrânica, o Museu de Artes Africanas, da Oceania e dos índios Americanos e diversos estúdios para artistas.

3. Times Square, Nova Iorque – de zona degradada a ícone da cidade

No séc. XX, entre os anos 30 e 50, a degradação de Times Square era evidente, os seus teatros e restaurantes foram transformados em salas de filmes pornográficos, 'peep shows', lojas e restaurantes baratos e desqualificados. Tal como em muitas cidades americanas, do pós-2ª Guerra Mundial, a baixa da cidade não



resistiu ao crescimento das zonas suburbanas, passando a ter uma população de passagem, zonas degradadas e abandono, elevadas taxas de crime e má reputação.

Nos anos 70, são consideradas várias políticas para a recuperação desta importante zona da cidade de Nova Iorque, passando pelo facto de criar uma imagem global mais atraente e coerente, mas que leva apenas à legalização do jogo nos casinos, abertura de uma série de centros comerciais e construção de grandes torres para hotéis e escritórios, substituindo os anteriores edifícios e diminuindo o número de teatros na Broadway. Estes voltam a ganhar importância nos anos 80, quando é realizado um estudo, “The Arts as na Industry”, que reportava os lucros devidos aos turistas que ali se deslocavam para ver espectáculos e as mais valias económicas em termos de postos de emprego nos teatros. Na década de 90, numa tentativa de recuperar os elementos culturais e a vocação para o entretenimento, é feito um novo plano para a área:

>Exposições de arte nas ruas, um

teatro infantil e a renovação dos teatros existentes

>Os grandes néons e écrans, que sempre tinham sido usados na zona para publicitar hotéis e teatros, passam a ser considerados como um dos elementos a preservar como imagem caracterizadora;

>São convidados artistas para intervir não só nesses suportes como nas próprias fachadas e vitrines.

Estas intervenções transformam as ruas em objectos culturais permitindo a apropriação do espaço e anulando a anterior imagem e reputação, ligadas ao sexo e à pornografia, e fazendo com que a cultura não seja apenas a dos teatros, e dos seus espectáculos, mas uma cultura muito mais abrangente que passa pela arte e intervenções artísticas, entretenimento e toda uma vertente comercial com grandes livrarias e lojas de discos.

4. MASS MOCA, Museu de Arte Contemporânea de Massachussets – um processo controverso

*The tortuous story of the Massachussets Museum of Contemporary Art demonstrates the appeal of cultural strategies of development to even the smallest cities.*²⁴

A antiga cidade industrial North Adams, no estado do Massachussets, insere-se numa área conhecida como “The Berkshire Mountains”, destoando das cidades em volta, na mesma região, onde se realizam inúmeros eventos, desde festivais de verão de música, teatro e dança e onde, no Inverno, os desportos de neve são um ponto forte. A sua oferta cultural era escassa e seria o local mais improvável para implantar um museu de arte moderna, no entanto, poderia ser o exemplo ideal para provar as teorias sobre o enorme impacto material que a arte e a cultura podem ter no espaço urbano, segundo Zukin.

O primeiro plano para o museu tinha como mais-valias



- >Criação de, no mínimo, uma centena de postos de trabalho;
- >Recuperação de património industrial abrangendo a envolvente directa, dotando a cidade de uma nova geografia simbólica.

Este plano levantou diversas questões polémicas, quer da parte das entidades, quer das comunidades locais, entre as quais:

- >Localização: a distância às principais cidades, Nova Iorque e Boston, que deixava a questão se haveria público que se dispusesse a percorrê-la para ver uma exposição de arte contemporânea;
- >Associação ao Guggenheim Museum: considerava-se que o novo museu não passaria de um local de armazenamento do excesso de espólio do Guggenheim;
- >Não contemplação das actividades dos artistas locais: mais vocacionados para as ‘arts and crafts’ e ‘folk arts’ e não para a arte contemporânea;
- >Época de grande crise económica: não era a melhor para um investimento destas dimensões por parte do estado;
- >O projecto não tinha em atenção as reais necessidades locais: ao criar um grupo de arquitectos de renome, entre os quais Frank Gehry e Robert Venturi, aumentou o distanciamento entre as equipas de projecto e as comunidades;
- >A intervenção obliterava a regeneração de todo o centro histórico: perdendo-se a intenção inicial de aliar arte conceptual à preservação de elementos históricos.

Em 1994 é apresentada uma revisão do plano, pelo novo comité, cujas mais-valias são:

- >Projecto menos megalómano e com faseamento da construção;
- >Criar um centro de arte relevante para as comunidades locais e baseado na já existente tradição cultural, principalmente na época estival;
- >Dar residência a artistas locais na cidade de North Adams para desenvolverem projectos, realizar workshops e parcerias.
- >Espaços para a música e dança, história, performances, de forma a integrar vários campos da cultura e com isso proporcionar motivos de interesse a todos os tipos de utilizadores.

Apesar da controvérsia se ter arrastado durante anos, acaba por abrir em 1999, sendo considerado hoje como “America’s largest Contemporary Art Center” e o local do país mais inspirador para as novas criações artísticas, contando com residências para alojamento dos artistas e espaços para produção.

Projectos sobre o existente

Nas últimas décadas foram construídos diversos museus, centros de exposições e galerias em edifícios industriais, subvertendo a anterior ideia de que os museus teriam de ocupar edifícios históricos e com determinado estatuto arquitectónico, como o Musée d'Orsay, em Paris, ou o Museu de Arte Contemporânea de Berlim, ambos instalados em antigas estações de comboios.

Nos anos 80 e 90, os museus tornam-se na ferramenta favorita para promover a preservação das heranças urbanas, defendendo, por vezes, edifícios sem valor estético e arquitectónico para a paisagem urbana, mas que possuem um valor social na história local. Algumas das intervenções com mais sucesso, na chamada arqueologia industrial, tiveram lugar nos Estados Unidos com o L.A. MoCA num armazém e garagem da polícia, em Los Angeles, o MASS MoCA, num conjunto de edifícios da indústria têxtil em North Adams, Massachussets, referido anteriormente, ou a extensão do Guggenheim de Nova Iorque num antigo armazém do séc. XIX no SoHo, Manhattan.

Susan Carmichael²⁵ defende que a reutilização de algum edificado para novos usos é válida por si só, mas que no caso de usos mais públicos, como os museus ou centros de arte, deve ser mais ambiciosa do que a simples recuperação arquitectónica. Esses edifícios podem funcionar como uma fénix que, tal como a lenda, renasce das cinzas passando a ser um símbolo da reabilitação, a cultura como imagem emblemática e prestigiante da “nova” cidade.

As estratégias de regeneração, segundo Zukin, são complicadas representações de mudança e desejo, sendo comum a toda a intenção de criar espaços “culturais” onde se relacionam e conectam turismo, consumo e estilos de vida. No entanto, para que as iniciativas de cariz cultural possam realizar-se, é necessário que os terrenos ou edifícios em causa não sejam considerados por investidores como elementos estratégicos para grandes investimentos económicos com outros propósitos.

Logo, independentemente das estratégias adoptadas em relação à utilização dos edifícios existentes ou opção por novas construções, a arte continua a ser considerada como elemento indispensável nestes processos, fornecendo a temática necessária à vontade de regeneração do espaço urbano.

2ª PARTE - Propostas para um Modelo de Avaliação

Tendo em conta os casos analisados no plano internacional é possível adiantar alguns elementos necessários para propor um modelo de avaliação. O modelo é composto por análise de factores de sucesso dos elementos caracterizadores (apresentam-se ainda tabelas de aplicação).

1. Factores de “êxito” em processos de regeneração

Em primeiro lugar importa especificar o que se entende por sucesso das acções de regeneração urbana, este depende dos objectivos a que se propõem essas mesmas acções, podendo ainda existir processos de regeneração que abranjam mais do que um factor. Como factores gerais consideramos os que determinam a durabilidade e consistência dos resultados quanto a:

>Qualidade e Impacto Cultural – integração de equipamentos culturais (museus, teatros, galerias, etc.), quer utilizando edifícios existentes quer novos construídos para esse fim, tendo em vista a dinamização do uso cultural na zona envolvente e a consequente atracção de pessoas.

>Retorno económico – plano mais abrangente que visa a obtenção de elevado retorno económico, que se pode traduzir a nível de novos equipamentos, atracção turística, criação de postos de trabalho e aumento do valor imobiliário da zona, pode, no entanto, ser responsável por processos de gentrificação das comunidades locais.

>Impulsionador do turismo – criação de pontos de elevada atracção turística e respectivos equipamentos de apoio como hotéis, restauração e comércio (optando-se, ou não, pela escolha de arquitectos de renome internacional) com a criação de um novo património arquitectónico capaz de servir por si só de atracção turística e cultural.

>Benefício das comunidades locais – processo de menor dimensão que visa a melhoria das condições de vida dos habitantes e utilizadores dos espaços públicos e do edificado existente, optando por uma reabilitação mais cirúrgica, sem grande impacto a nível de novos edifícios e equipamentos.

A conjugação de mais do que um destes objectivos poderá contribuir para uma boa integração das políticas de regeneração. Podemos considerar alguns indicadores deste tipo de conjugação:

- >Recuperação e utilização de património arquitectónico existente e introdução de equipamentos culturais;
- >Integração das comunidades locais e dos seus artistas, respeitando as suas tradições culturais;
- >Serviços diversificados, que sirvam as comunidades e os visitantes, a nível de “hard infrastructures” e “soft infrastructures” com aumento dos postos de trabalho.

Elementos caracterizadores

Com base nos factores anteriormente considerados, propõe-se, para a análise de casos de estudo, uma listagem de elementos, criando “tabelas” que poderão ser aplicadas a diferentes intervenções ajudando-nos a concentrar a informação, obter um panorama geral da zona em estudo e definir as suas características principais:

Edificado:

- Edifícios recuperados -utilização de edifícios existentes abandonados ou degradados;
- Edifícios de raiz -construídos com o propósito de alojar novos equipamentos ou funções, como habitação ou serviços;
- Antigos usos -manutenção ou alteração das funções originais do(s) edifício(s);
- Património -utilização de edifícios classificados ou passíveis de serem considerados como tal.

Eventos/serviços e actividades culturais:

- Permanentes: museus, teatros, galerias, salas de concerto;
- Temporários: exposições, workshops, instalações, festas;
- Lazer: restaurantes, bares, discotecas;
- Comércio;
- Outros.

Indicadores:

- Regeneração da envolvente;
- Segurança ou insegurança;
- Visibilidade da área regenerada;
- Cotação no sector imobiliário: valorização ou queda;
- Número de utilizadores – locais ou turistas: aumento, diminuição, manutenção;
- Função simbólica;
- Gentrificação;
- Áreas de espaço público: aumento, diminuição, manutenção.

No caso de estudo que se apresenta utilizamos estes indicadores sob a forma de quadros sinópticos.

Um Caso de Estudo em Lisboa - o Bairro Alto

O Bairro Alto representa a tomada de consciência urbanística e arquitectónica, apresenta uma notável tradição cultural no campo das artes e letras, contém edifícios de carácter monumental – palácios e casas nobres, e sintetiza como nenhum outro espaço na cidade, as funções residenciais e lúdicas, aliando a residência à cultura.²⁶

É um dos mais tradicionais e populares bairros da cidade de Lisboa, possuindo mais de quinhentos anos de história e um valioso património arquitectónico e urbano. Dotado de uma *coerência morfológica onde é notória a grande unidade entre uma estrutura física coesa e uma imagem urbana rica e heterogénea que torna mais valiosa, como património cultural, a globalidade de contribuições do que a exclusiva importância deste ou daquele monumento isolado.*²⁷ A sua localização permite um sistema de vistas sobre o rio e outras partes da cidade e, se a sua coerência morfológica continua quase intacta, as suas ruas encontram-se repletas de pormenores derivados de soluções linguísticas e compositivas variadas, resultantes da sua história e evolução do papel do Bairro no organismo da cidade.



História, Usos e Costumes

Bairro renascentista ligado aos Descobrimentos e à expansão das actividades comerciais, é edificado no séc. XVI, nas herdades da Bela Vista e da Vila Nova de Andrade, sendo a primeira urbanização criada no exterior da muralha medieval que cercava Lisboa, a Cerca Fernandina, assim como o primeiro loteamento urbano com características reticulares, afirmando-se como uma nova ideia de cidade, moderna e racional.²⁸

Tendo os trabalhos, iniciados em 1513, sido apressados devido às necessidades de habitação provocadas pelo terramoto de 1531. Resiste ao terramoto de 1755, embora afectado, e é tido em conta pelo Plano Pombalino, sendo integrado no seu novo traçado e consideradas ligações entre a Baixa e o Bairro.

Sempre se caracterizou por uma *mescla social que lhe conferiu uma cultura (...) com características muito próprias, traduzindo-se numa convivência marcada por uma variedade de expressões e manifestações culturais.*²⁹ Começou por ser habitado por uma população modesta, na zona mais junto ao rio, ligada aos trabalhos no mar, mareantes, pilotos e oficiais das Carreiras da Índia, Mina, África e Brasil. Muito rapidamente se tornou atractivo para o clero e nobreza, onde foram construídos inúmeros palácios, conventos e igrejas, na parte norte do bairro, assim como para uma nova classe burguesa abastada. O seu traçado amplo e ventilado era uma das mais valias e motivo de sucesso, em comparação com o centro da cidade com ruas estreitas e empestadas, onde a peste tinha dizimado uma grande parte da população. As tavernas eram vizinhas de salões e tertúlias culturais, os nobres promoviam nos seus palácios animadas reuniões e representações de obras dramáticas. Por outro lado, o bairro tinha má fama, com um lado nocturno e marginal, repleto de assaltos à mão armada, conflitos e brigas.

A fama lúdica e boémia do bairro, ainda hoje existente, vem de trás, com base na existência de um grande número de restaurantes e botequins famosos, entre os quais o Alfaia (1880), o Tavares Pobre (1852) e o Tavares Rico (1789), onde se reuniam literatos, artistas, políticos e jornalistas. Durante o séc. XIX, dá-se uma densificação do bairro, os logradouros são ocupados dando origem a saguões e as construções crescem em altura, tornando as ruas mais sombrias e fechadas. Já no séc. XX, radicaram-se os jornais e intensificaram-se valências culturais (Conservatório Nacional) e turísticas (casas de fado).

Posteriormente diversos projectos consideraram a destruição parcial do Bairro, para abertura de vias ou investimentos imobiliários. Nos anos 80 e 90, uma nova política tem por intenção, por parte da C.M.L., de reabilitação dos principais bairros históricos lisboetas, entre os quais o Bairro Alto, com o objectivo de preservar a memória colectiva, evitar o agravamento de problemas sociais, bem como a deslocação das populações originais.

No final do séc. XX e início do XXI, o Bairro Alto afirmou-se como “bairro in”, de grande vocação e animação cultural e urbana, com o aumento da procura em diversos aspectos:

- >Comércio, com a abertura de um novo tipo de lojas e oferta de produtos direccionados a um público exterior ao bairro, anulando aos poucos os espaços de comércio tradicional;
- >Espaços de lazer, nomeadamente nocturnos, com uma oferta extensa de restaurantes, bares e algumas discotecas;

- >Habitação, com um incremento da especulação imobiliária, expulsando aos poucos os antigos residentes e substituindo-os por públicos mais jovens e com capacidade económica
- >Cultural, com a abertura de livrarias, teatros, galerias e espaços de exposição e concertos, alternativos ou institucionais, aliando, por vezes, diversas vertentes artísticas num mesmo espaço.

Actividades / Eventos culturais



No Bairro Alto abundam os espaços que promovem as mais diversas vertentes culturais, desde livrarias com palestras e sessões de leitura, muitas vezes oferecendo aos seus clientes um serviço de bar ou mesmo misturando os conceitos, em espaços que se abrem a leituras e café, conversas acompanhadas de um copo de vinho, recitais de poesia ou exposições de pintura. Muitos bares promovem também exposições de pintura e fotografia ou concertos de bandas, mais ou menos promissoras.

Estes espaços vão-se substituindo ao longo dos anos, desaparecendo alguns e nascendo outros, no entanto, alguns deles fazem já parte da dinâmica e história do bairro devido aos anos de existência, aos milhares de pessoas que por ali passaram. Temos o exemplo do “Frágil”, espaço que se tornou famoso nos anos 80 e que foi um dos impulsionadores da cultura “do ir ao bairro”, lá se juntavam diversos nomes da cena artística, jornalistas e a comunidade gay, num espaço de abertura e encontro. Tem-se mantido sempre em voga, com um sem número de dj’s de renome, além de bar/discoteca, promove concertos e lançamentos de álbuns ou exposições.

Outros espaços que fazem parte da “móvel” do bairro são o bar “Catacumbas” (onde o Jazz e o Blues dão o mote, mas disponibilizando o espaço para concertos das mais diversas bandas e “jam sessions” onde todos são convidados a participar), a “ZDB” ou “Galeria Zé dos Bois”, antes localizada na Rua de São Paulo, que abriu no bairro um espaço multifacetado de bar, exposições, performances ou concertos, abertos a novos projectos e dinamizando o bairro com uma oferta variada. No capítulo do comércio especializado em temas “novos”, a loja das famosas máquinas fotográficas “Lomo” que organiza actividades e exposições, emprestando máquinas aos inscritos e promovendo expedições fotográficas com base num tema, tanto no bairro como noutros pontos da cidade (como na Fábrica do Braço de Prata). Para trás ficam um sem número de exemplos que poderíamos referir. No pólo “nostálgico”, as casas de fado que há tantos anos fazem parte da história deste bairro popular da cidade de Lisboa, parecem alheias ao enorme número de novas casas de diversão nocturna e sobrevivendo à conta de turistas e alguns clientes habituais.

Todos estes espaços acabam por funcionar como ponto de encontro entre pessoas de diversas áreas da cena artística e cultural, da pintura ao cinema, da música à arquitectura, da ilustração ao design, tendo sido nestes ambientes que muitos projectos acabaram por nascer e realizar-se. É esta dinâmica de “bairro artístico” que torna o Bairro Alto um local especial para diversas gerações de lisboetas e de quem, não o sendo, por lá passou em alguma altura da sua vida.

Observação e Registo



As ruas do Bairro Alto albergam uma miscelânea de utilizadores e hábitos, os bares convivem com as roupas estendidas nas janelas, as lojas de tatuagens com os idosos que ali vivem, as lojas alternativas com o comércio tradicional, prédios degradados paredes meias com edifícios renovados e os graffitis abundam ignorando o suporte, enchendo paredes, portões e tabiques. Ao percorrermos as ruas durante a semana, são notórios três ciclos vitais que caracterizam os seus ritmos diários:

Manhã – os habitantes do bairro saem para o trabalho, há idosos às compras nas mercearias locais e as poucas lojas de comércio tradicional abrem as portas, chegam aqueles que trabalham no bairro, vindos de outros locais.

Tarde – a maior parte das lojas de comércio alternativo e novas tendências abre no período da tarde até à noite, para satisfazer as necessidades do público a que se destinam, os restaurantes servem almoços rápidos aos trabalhadores dos escritórios na envolvente (sector terciário), idosos jogam às cartas nos degraus de entrada ou vão ao Clube Rio de Janeiro e os “estranhos ao bairro” que deambulam pelas ruas são na sua maior parte turistas.

Noite – início da dinâmica vida nocturna do bairro que oferece restaurantes, bares, discotecas, assim como as já referidas lojas que se mantêm abertas até tarde. Dá-se uma substituição dos habitantes locais por pessoas de outras áreas da cidade e turistas. Mesmo durante a semana, alguns bares são bastante frequentados, existindo uma dinâmica semelhante ao fim-de-semana mas com menos afluência.

Aos fins-de-semana o panorama altera-se ligeiramente:

Dia - o bairro é quase deserto, apenas alguns turistas e pessoas que procuram as lojas alternativas, durante o sábado à tarde, e os locais usufruem do bairro sem a confusão vinda do exterior. Pessoas à janela falam com os vizinhos que passam, rapazes jogam à bola na estrada indiferentes aos carros ocasionais e, no antigo Clube Rio de Janeiro, juntam-se homens de diferentes faixas etárias para ver o futebol e beber umas cervejas.

Noite - as noites de sexta e sábado são populares no roteiro da cidade, os restaurantes estão cheios e as ruas repletas de pessoas que percorrem os diversos pontos de diversão, numa miscelânea de idades, interesses e orientações sexuais, procurando os locais com que se identificam. A maior parte dos frequentadores habituais cria rotinas e as caras repetem-se nas noites, semana após semana. Há enormes ajuntamentos em frente aos bares mais em voga tornando as ruas intransitáveis para os poucos carros que ainda ali podem circular. Assim, podemos considerar:

USOS EDIFICADO	Cultural	Habitação	Serviços	Comércio	Hotel/Rest.
Património	x		x		
Edifícios novos		X			
Edifícios recuperados	x	X	x	X	x
Edifícios degradado				X	

ACTIVIDADES CULTURAIS	Exposições	Concertos	Teatro	Eventos	Dança	Outros
Carácter espontâneo						
Interior	X	x				
Exterior	X	x	x			
Carácter intencional						
Interior	X	x	x	x		x
Exterior	X	x	x	x		

INDICADORES	Aumento	Manutenção	Diminuição
Regeneração da envolvente	x		
Segurança			x
Visibilidade da área regenerada	x		
Cotação no sector imobiliário	x		
Nº de utilizadores – locais ou turistas	x		
Função simbólica	x		
Gentrificação	X		
Áreas de espaço público			X

O Bairro Alto pode então ser categorizado como uma processo espontâneo que teve início, na década de 70, com a abertura de alguns estabelecimentos comerciais, de diversão nocturna, restauração e mobiliário, com um carácter alternativo em relação ao existente, e que funcionaram como pólo dinamizador do bairro.

Nas últimas quatro décadas, o BA tem vindo a afirmar-se como uma entidade própria de lazer e comércio, tendo conseguido manter a unidade do seu edificado, sem grandes alterações, assim como muito do seu comércio local e dos seus habitantes, numa miscelânea com os novos espaços, novos moradores e frequentadores. As intervenções de carácter intencional deram-se mais tarde e de forma cirúrgica, apenas para manutenção do existente e melhoria das condições de vida dos seus habitantes ou em obras cujo resultado é por vezes polémico, como por exemplo:

- >Recuperação de uma grande parte do edificado, instalação das condições mínimas de habitabilidade como cozinhas e instalações sanitárias;
- >Condicionamento de trânsito dentro do bairro;
- >Transformação do Convento dos Inglesinhos em condomínio fechado;

Construção de um novo quarteirão em vez de um espaço público, entre a Travessa das Mercês e a Travessa dos Fiéis de Deus, onde antes existia uma pequena oficina e armazém de carpintaria.

Conclusões

Os processos de regeneração urbana, sejam eles espontâneos ou intencionais, devem conseguir a renovação da vida de uma cidade, a melhoria dos seus espaços públicos e a integração social das suas comunidades. Podem ser postos em prática de diversas formas mas para funcionarem deverão ter objectivos essenciais:

- >Acessibilidade “amigável” com meios de transporte eficazes;
- >Renovação e criação de espaços públicos;
- >Recuperação e utilização de património arquitectónico existente;
- >Introdução de novos equipamentos culturais;
- >Integração das comunidades locais e diminuição da exclusão social e gentrificação
- >Serviços diversificados, que sirvam as comunidades e os visitantes, a nível de “hard infrastructures” e “soft infrastructures”.
- >Aumento da oferta de postos de trabalho
- >Dinamização da cidade e visibilidade e consequente aumento do turismo e do interesse da cidade enquanto local para habitar.

Será assim possível, encontrar algumas respostas para questões presentes nas temáticas desenvolvidas:

1. Quais os grupos sociais e culturas urbanas e a forma como vivem e se apropriam do espaço público:
Analisando grupos e culturas associados às manifestações artísticas, nas suas variantes, constata-se que a forma de apropriação do espaço urbano é mais vincada e marcante para alguns dos grupos. Enquanto os “graffiters” deixam uma marca óbvia na cidade, sem necessidade da sua presença, as “tribos urbanas” têm significado a nível de apropriação do espaço quando se encontram em grupos. São os artistas, arquitectos, designers, jornalistas, etc. que constituem um primeiro “mercado”. Ocupam o espaço de uma outra forma, não sendo notória no quotidiano enquanto indivíduos, mas sim quando “usam” os mesmos pontos da cidade iniciando processos de transformação da envolvente através do estilo de vida e actividades que atraem.
2. O que são “bairros artísticos”, como surgem e se estabelecem na cidade:
Os “bairros artísticos” acabam por ser o resultado de uma apropriação mais permanente do espaço, têm tendência a formar-se devido à fixação de artistas, e profissionais de actividades relacionadas, em determinados bairros, atraindo posteriormente uma série de serviços associados a uma vida boémia e ligada às artes, como bares e restaurantes, galerias e ateliers, lojas das novas tendências e alternativas, quer a nível de moda, mobiliário ou música. É um processo demorado mas, que poderá funcionar melhor em relação à manutenção dos residentes e utilizadores originais do bairro.
3. Que processos de regeneração existem:
Os processos de regeneração podem ser espontâneos ou intencionais. Os primeiros são iniciados por processos semelhantes ao explicado no ponto anterior, por indivíduos ou grupos de pessoas, dando origem a bairros considerados “in” que são depois procurados por diferentes pessoas. Consequentemente há uma valorização económica e do sector imobiliário, iniciando-se a recuperação do edificado e espaços públicos existentes, a ocupação por novos habitantes e utilizadores e a instalação de serviços e equipamentos.
Por outro lado, os processos com cariz intencional derivam de políticas de regeneração, de partes de cidade, promovidas pelos governos com intenções de melhoria da qualidade de vida e do espaço público, mas também de retorno económico, valorização do edificado e do sector imobiliário e, ainda, como atractivo turístico através de uma maior visibilidade e afirmação da cidade, a nível nacional e/ou internacional. Estes processos envolvem, geralmente grandes meios e transformações, podendo resultar em processos de gentrificação dos antigos habitantes.
4. Qual a importância e poder da cultura, e actividades relacionadas, para influenciar a regeneração:
A cultura desde sempre funcionou como elemento simbólico dos povos, possuindo um significado místico e atractivo. Com a globalização a cultura ganhou uma importância maior, servindo como trunfo para a visibilidade e promoção das cidades. As políticas de regeneração passaram a adoptar equipamentos culturais como as grandes mais-valias das suas acções, promovendo a implantação de

museus, centros culturais e galerias de arte, que funcionariam como catalisador dos restantes trabalhos de regeneração, mas sobretudo como pólos de atracção para novos visitantes e turistas. Provou-se com os exemplos dados, que a cultura continua a atrair massas, que um museu ou um evento como a capital da cultura podem funcionar como base para todo um processo regenerador de zonas degradadas, desde que integrado numa acção conjunta com outras áreas.

5. Quais os factores determinantes para o sucesso dos processos de regeneração e suas limitações: Através dos casos estudados, no plano internacional, é possível retirar alguns factores comuns no sucesso das suas acções, apesar de considerarmos que há uma enorme relatividade nesta questão, visto que o que será sucesso para uns poderá não ser para os outros. Por vezes apesar de todo o processo ter obtido os resultados pretendidos, sejam eles a nível de equipamentos culturais, regeneração do edificado, atracção turística, retorno económico, etc., envolveu todo um lado humano muitas vezes esquecido, o dos habitantes originais, a invasão do seu espaço e a obrigação de se mudarem para outras partes da cidade, devido à valorização imobiliária da sua área de habitação, nestes casos há apenas uma deslocação do problema e não uma verdadeira resolução.

Assim, os factores que derivam em sucesso são:

- >Uma acção integrada em que todas as partes são tidas em conta, tanto a nível de habitantes e utilizadores;
- >Mais-valias económicas e culturais, quer em termos das “hard infrastructures” (terrenos, edifícios e sistemas de transportes), quer das “soft infrastructures” (formação, educação, diversos serviços de apoio e infra-estruturas de cariz social como habitação e saúde);
- >Zonas de lazer, em que são criadas condições para que todos os utilizadores, antigos e novos, possam conviver no “novo” espaço.

As limitações destes casos referem-se frequentemente ao seu carácter efémero ou pouco consistente, normalmente por falta de complementaridade dos factores estritamente culturais com factores económicos e sociais como a melhoria das condições de vida das populações locais.

Índice de fotografias

- 1 - Graffiti em Zaragoza - Fotografia da autora
 2, 3, 4 – Liverpool - Fotografias de Pedro Sampayo Ribeiro
 5 - Disponível em: http://images.google.com/imgres?imgurl=http://www.artistorganizedart.org/commons/Jeremy_Boyle_Drawing.jpg&imgrefurl=http://www.artistorganizedart.org/commons/&h=583&w=550&sz=81&hl=pt-PT&start=171&um=1&usg=__Cpw7ncEg_Al9mTV_sfM_HWv7vSw=&tbnid=WwOcasUP-ST6QM:&tbnh=134&tbnw=126&prev=/images%3Fq%3Dchelsea%2BNY%26start%3D160%26ndsp%3D20%26um%3D1%26hl%3Dpt-PT%26lr%3D%26rls%3Dcom.microsoft:en-US%26sa%3DN
 6 – Liverpool - Fotografias de Pedro Sampayo Ribeiro
 7 - Disponível em: <http://www.marseille-tourisme.com/typo3temp/pics/078765a0f7.jpg>
 8 - Disponível em: http://www.freefoto.com/images/1210/19/1210_19_63—Times-Square-New-York-City_web.jpg
 9 - Fotografias de Nicholas Whitman
 Disponível em: http://nwphoto.com/nwimages/main.php?g2_itemId=1270
 10, 11, 12 – Bairro Alto - Fotografias da autora

NOTES

- ¹ Mestre em Arquitectura pelo IST - Lisboa. O presente artigo é baseado na Dissertação de Mestrado com o título “Cultura e regeneração Urbana - usos e actividades artísticas em zonas urbanas degradadas”
² Sharon ZUKIN – The Cultures of Cities. Blackwell Publishing, 1995, pp. 264
³ Alfredo MELA – A Sociologia das Cidades. Lisboa: Editorial Estampa, 1999. pp. 129
⁴ Nuno PORTAS – Um Revivalismo Modernista para quê? in BRANDÃO, Pedro e REMESAR, António [eds.] – Design Urbano Inclusivo – Uma experiência de projecto em Marvila, “Fragmentos e Nexos”. Lisboa: Centro Português de Design, Fevereiro 2004. pp. 87
⁵ Alfredo MELA – op. cit., pp. 134

- ⁶ Sharon ZUKIN – op. cit., pp. 24
- ⁷ Sharon ZUKIN – op. cit., pp. viii
- ⁸ GIDDENS, 1989 in MELA, Alfredo – op. cit., pp. 141
- ⁹ Alfredo MELA – op. cit.
- ¹⁰ Sharon ZUKIN – op. cit., pp. 23
- ¹¹ Alfredo MELA – op. cit., pp. 156
- ¹² Richard SENNETT (1990) citado in MELA, Alfredo – idem, pp. 155
- ¹³ Jane JACOBS – The Death and Life of Great American Cities in The Blackwell City Reader. pp. 351
- ¹⁴ Sharon ZUKIN – op. cit., pp. 3
- ¹⁵ SILVANO, Filomena – Antropologia do Espaço – Uma Introdução. 2ª edição, Celta Editora, Lisboa, 2007. pp. 13
- ¹⁶ Filomena SILVANO – idem, pp. 13
- ¹⁷ Filomena SILVANO – idem, pp. 19
- ¹⁸ Alfredo MELA – op. cit., pp. 127
- ¹⁹ Richard SENNETT - The Fall of Public Man in The Blackwell City Reader. pp. 343
- ²⁰ Jane JACOBS – Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ²¹ Filomena SILVANO – op. cit., pp. 60
- ²² Pedro LORENTE – The Role of Museums and the Arts in the urban regeneration of Liverpool. Leicester: Centre for Urban History. University of Leicester, 1996. pp. 4
- ²³ Susan CARMICHAEL – Making Creative Connections – Our architectural townscape and its re-use potencial for museums and the arts in LORENTE, Pedro – The Role of Museums an the Arts in the urban regeneration of Liverpool. pp. 32
- ²⁴ Sharon ZUKIN – idem, pp. 79
- ²⁵ Susan CARMICHAEL – op. cit., pp.27
- ²⁶ Rui GODINHO in NEVES, Branca (Coord. – C.M.L.) - Habitação Lisboa/92. Lisboa, SocTip Editora, 1992. pp.24
- ²⁷ António Reis CABRITA, José AGUIAR e João APPLETON – Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1992. pp. 15
- ²⁸ António Reis CABRITA, José AGUIAR e João APPLETON – op. cit., pp. 15
- ²⁹ António Reis CABRITA, José AGUIAR e João APPLETON – idem, pp. 15